

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

O porto seco de Foz do Iguaçu e a reticularização da fronteira

Zeno Soares Crocetti

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15556>

Submetido em: 2026-03-22

Postado em: 2026-07-27 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o(s) endosso(s) de:

- Rubens de Toledo Junior (ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8387-0970>)

O PORTO SECO DE FOZ DO IGUAÇU E A RETICULARIZAÇÃO DA FRONTEIRA

Zeno Soares Crocetti

Universidade Federal da Integração Latino-Americana
Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território
Foz do Iguaçu/Paraná/Brasil.

E-mail: geocrocetti@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0608-5079>

Resumo

O presente artigo analisa o Porto Seco de Foz do Iguaçu como elemento central no processo de reticularização da fronteira trinacional entre Brasil, Paraguai e Argentina. A partir de uma abordagem fundamentada na teoria crítica da geografia, especialmente nos aportes de Milton Santos, busca-se compreender como as infraestruturas logísticas e digitais reorganizam o território, intensificando fluxos de mercadorias, informações e capitais. Discute-se como esse nó logístico reflete e reproduz desigualdades socioespaciais, além de se constituir como espaço estratégico de controle, regulação e circulação no contexto da globalização e da platformização da economia. O Porto Seco não apenas materializa os circuitos da economia global, mas também revela as contradições entre seletividade dos fluxos e exclusão territorial. Este trabalho contribui para o entendimento das novas dinâmicas territoriais associadas ao território reticulado e suas implicações para a soberania e a coesão socioespacial na região de fronteira.

Palavras-chave: Porto Seco. Território reticulado. Fronteira. Fluxos. Logística.

THE DRY PORT OF FOZ DO IGUAÇU AND THE RETICULARIZATION OF THE BORDER

Abstract

This article analyzes the Dry Port of Foz do Iguaçu as a central element in the process of reticularization of the tri-national border between Brazil, Paraguay, and Argentina. Based on an approach grounded in critical geography, particularly drawing on the contributions of Milton Santos, the study seeks to understand how logistical and digital infrastructures reorganize territory by intensifying flows of goods, information, and capital. It discusses how this logistical node reflects and reproduces socio-spatial inequalities, while also constituting a strategic space of control, regulation, and circulation within the context of globalization and the platformization of the economy. The Dry Port not only materializes the circuits of the global economy but also reveals the contradictions between the selectivity of flows and territorial exclusion. This work contributes to the understanding of new territorial dynamics associated with the networked (reticulated) territory and their implications for sovereignty and socio-spatial cohesion in border regions.

Keywords: Dry Port; Networked territory; Border; Flows; Logistics.

EL PUERTO SECO DE FOZ DO IGUAÇU Y LA RETICULARIZACIÓN DE LA FRONTERA

Resumen

El presente artículo analiza el Puerto Seco de Foz do Iguaçu como un elemento central en el proceso de reticularización de la frontera trinacional entre Brasil, Paraguay y Argentina. A partir de un enfoque fundamentado en la geografía crítica, especialmente en los aportes de Milton Santos, se busca comprender cómo las infraestructuras logísticas y digitales reorganizan el territorio, intensificando los flujos de mercancías, información y capital. Se discute cómo este nodo logístico refleja y reproduce desigualdades socioespaciales, además de constituirse como un espacio estratégico de control, regulación y circulación en el contexto de la globalización y la plataformización de la economía. El Puerto Seco no solo materializa los circuitos de la economía global, sino que también revela las contradicciones entre la selectividad de los flujos y la exclusión territorial. Este trabajo contribuye a la comprensión de las nuevas dinámicas territoriales asociadas al territorio reticulado y sus implicaciones para la soberanía y la cohesión socioespacial en la región fronteriza.

Palabras clave: Puerto Seco; Territorio reticulado; Frontera; Flujos; Logística.

Introdução

A ocupação do Oeste paranaense é marcada por processos históricos de exploração, litígios fundiários e projetos extrativistas vinculados a dinâmicas externas. Desde o tropeirismo, passando pelas obras argentinas, até a atuação de capitais internacionais, como Matte Larangeira¹ e Brazil Railway Company, o território foi historicamente estruturado por fluxos econômicos que ultrapassavam as fronteiras formais do Estado-nação.

Foz do Iguaçu, fruto desse processo, transita historicamente entre ser hinterlândia extrativista, fronteira em disputa e, hoje, nó estratégico de redes logísticas, digitais e financeiras. A partir da segunda metade do século XX, com a consolidação de projetos de colonização agrícola, infraestrutura e integração regional, a cidade assume uma nova centralidade, cada vez mais

¹ O nome “Larangeira” (com “g”) se deve ao nome de seu fundador, o comerciante Thomaz Larangeira.

moldada pela lógica da globalização, das plataformas digitais e dos circuitos transnacionais.

Neste contexto, o Porto Seco de Foz do Iguaçu emerge como infraestrutura emblemática da reticularização da fronteira, funcionando como nó logístico, aduaneiro e informacional que organiza, controla e acelera fluxos de mercadorias, dados e capitais.

As transformações espaciais contemporâneas, ancoradas na convergência de infraestruturas materiais e imateriais, redes digitais, logística global e controle cognitivo, reconfiguram profundamente os territórios de fronteira. Na Tríplice Fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, o Porto Seco de Foz do Iguaçu emerge como expressão concreta desse novo ordenamento espacial, inscrito no que Milton Santos (1994) denominou de *meio técnico-científico-informacional*.

Esta pesquisa propõe uma análise do Porto Seco como nó estratégico do território reticulado, cuja função ultrapassa a mera circulação de mercadorias, envolvendo também fluxos informacionais, financeiros e regulatórios. A hipótese central é que esse equipamento logístico participa de forma ativa na produção de uma fronteira cuja função se adapta à lógica dos fluxos seletivos, ao mesmo tempo em que aprofunda as desigualdades socioespaciais na região.

1. Referencial teórico e metodológico

1.1 Território reticulado e seletividade dos fluxos

A análise fundamenta-se na teoria do sistema reticulado, desenvolvida por Milton Santos (1994; 2000), que compreende o território como um sistema técnico-científico-informacional, estruturado por redes e por uma lógica de seletividade. Nesse contexto, não são todos os lugares que se inserem plenamente nas redes globais, mas apenas aqueles que possuem valor para os circuitos dominantes do capital.

Santos (1994) destaca que o território passa a funcionar segundo uma lógica que articula infraestrutura, informação e comando, operando através de nós e fluxos. A seletividade territorial torna-se, portanto, um mecanismo

de inclusão subordinada e exclusão periférica, definindo centralidades e marginalidades.

De acordo com Crocetti (2025b), essa seletividade não se limita à infraestrutura material: ela se estende à infraestrutura cognitiva. Plataformas, algoritmos, redes sociais, sistemas operacionais e dispositivos móveis, que configuram territórios cognitivos – espaços simbólicos e sensíveis onde a disputa pelo poder é travada não apenas por meio da força física, mas pela modelagem da percepção e do pensamento. Nessa nova configuração, emerge o que chamaremos de *neuroterritorialização*, processo pelo qual o poder se territorializa nos circuitos cerebrais, afetivos e simbólicos, estruturando padrões de atenção, linguagem e desejo.

Trata-se, portanto, de uma forma de imperialismo que atua como sistema operacional global, que organiza a infraestrutura do mundo, tanto material quanto simbólica, e determina quem se conecta, quem circula e quem comanda os fluxos globais. A Era da Pós-verdade, nesse sentido, não é um fenômeno isolado, mas uma engrenagem funcional a essa nova forma de dominação, que privilegia emoções e crenças em detrimento da fatalidade e da crítica.

1.2 Plataformização, neuroterritorialização e controle cognitivo

Autores como Srnicek (2017) e Zuboff (2021) aprofundam a análise sobre a plataformização da economia, em que plataformas digitais não apenas intermediam, mas também organizam, extraem dados e controlam mercados, trabalho e sociabilidade. A produção de valor passa a estar diretamente ligada à captura de dados, à governança algorítmica e ao controle da atenção.

Byung-Chul Han (2018; 2024) complementa essa análise ao introduzir a ideia de sociedade do cansaço e sociedade da vigilância digital, onde a produção simbólica, emocional e cognitiva se torna central nos processos econômicos e políticos. Este fenômeno permite pensar a fronteira também como um espaço de neuroterritorialização, onde plataformas moldam comportamentos, percepções e subjetividades.

1.3 Infraestruturas logísticas e controle dos fluxos

Autores como Foucault (2008) e Harvey (2005) contribuem para a compreensão dos dispositivos de controle que atravessam essas infraestruturas. O Porto Seco não é apenas um equipamento logístico, mas um espaço de gestão dos fluxos e dos corpos, operando através de biopolíticas e regimes de vigilância que articulam segurança, controle aduaneiro, gestão da informação e regulação da circulação.

A metodologia adotada é qualitativa, baseada em análise documental, levantamento bibliográfico e observação indireta de dados secundários sobre o funcionamento do Porto Seco, sua integração nas cadeias logísticas e seu papel na economia da Tríplice Fronteira.

O Porto Seco de Foz do Iguaçu materializa no território a lógica do território reticulado, categoria que expressa a articulação entre infraestruturas físicas (rodovias, ferrovias, zonas aduaneiras) e imateriais (dados, algoritmos, plataformas digitais, redes financeiras e de controle).

Sua atuação está ancorada na capacidade de:

- Acelerar fluxos logísticos, reduzindo tempos de permanência de cargas e integrando cadeias globais de valor;
- Monitorar e classificar mercadorias e agentes, por meio de sistemas digitais de rastreamento, inteligência artificial e *big data*;
- Estabelecer filtros seletivos, onde certas mercadorias, agentes econômicos e empresas têm facilidade de circulação, enquanto outros enfrentam barreiras, precarização ou criminalização.

O Porto Seco, portanto, não é apenas um espaço de circulação, mas também de controle seletivo da mobilidade, expressando a convergência entre infraestrutura física e governança algorítmica.

2. Reticularização da fronteira: características analíticas

2.1 Infraestruturas digitais e a materialidade da rede

O Porto Seco opera na interseção entre cabos, satélites, sensores, *softwares* de rastreamento e plataformas logísticas. A infraestrutura digital transforma o espaço aduaneiro em um território altamente monitorado, onde a informação circula à mesma velocidade que a mercadoria.

Essa materialidade da rede redefine a própria noção de fronteira, que deixa de ser uma linha física e se torna uma malha de conexões, controles, cruzamentos e bloqueios dinâmicos.

2.2 Hierarquização e centralidade dos nós

O Porto Seco funciona como nó hierarquizado dentro das cadeias globais de circulação. Ao mesmo tempo em que conecta Foz do Iguaçu aos fluxos do Mercosul, do Corredor Bioceânico e de mercados internacionais, reproduz desigualdades internas:

- Empresas multinacionais e grandes operadores logísticos acessam facilidades com rapidez;
- Pequenos comerciantes, fretes autônomos e circuitos da economia informal enfrentam custos, burocracias ou criminalização.

Há, portanto, uma seletividade dos fluxos, que reforça a centralidade de determinados agentes e marginaliza outros.

2.3 Velocidade e convergência dos momentos

A operação do Porto Seco revela a lógica da convergência dos momentos (Milton Santos): o lugar, o meio técnico-científico-informacional e a economia global se encontram no território. A aceleração dos fluxos é imperativa:

- Cargas digitalmente rastreadas;
- Despachos aduaneiros mediados por plataformas;
- Sincronização de modais logísticos (rodoviário, ferroviário, portuário).

Essa velocidade gera ganhos econômicos para alguns, mas também intensifica precarizações, principalmente no trabalho logístico, na informalidade e na pressão sobre pequenas economias locais.

2.4. Territórios cognitivos: psicoesfera e controle cognitivo

O Porto Seco também é um território cognitivo. Os dados que circulam — sobre cargas, origem, destino, valor e atores envolvidos — formam uma

camada de controle invisível, que governa os fluxos sem que os sujeitos percebam isso completamente.

Ao mesmo tempo, a própria fronteira é um espaço de disputa simbólica: plataformas, governos e grandes operadores constroem narrativas sobre legalidade, modernização e desenvolvimento. Enquanto isso, redes sociais, coletivos e movimentos locais tensionam essas narrativas, revelando os impactos sociais, as desigualdades e os processos de criminalização seletiva.

2.5. Circuitos da economia: formal, informal e da informação

O Porto Seco organiza uma fronteira onde coexistem (e se tensionam) três circuitos:

- Circuito superior formal: grandes operadores logísticos, comércio legal, empresas multinacionais;
- Circuito inferior ou informal: sacoleiros, transporte informal, microcontrabando;
- Circuito da Informação: dados logísticos, sistemas de rastreabilidade, inteligência fiscal e aduaneira.

Esses circuitos não são estanques, mas interdependentes, embora profundamente hierarquizados e desiguais.

2.6. Neuroterritorialização: Controle da Atenção na fronteira

A fronteira também é espaço de neuroterritorialização. As plataformas digitais, os aplicativos de rastreamento, os sistemas de controle e as redes sociais moldam percepções, emoções e tomadas de decisão:

- Trabalhadores logísticos operam sob pressão constante de notificações, alertas e metas automatizadas;
- Comerciantes acompanham cotações, variações cambiais e restrições em tempo real, afetando comportamentos econômicos.

A própria população da fronteira é submetida a uma permanente disputa pela atenção, seja no consumo, no turismo ou na circulação de informações sobre segurança e ilegalidade.

2.7. Territórios simbólicos de contestação

Apesar do domínio das grandes redes logísticas e dos agentes institucionais, surgem na fronteira territórios simbólicos de resistência, como:

- Turismo de base comunitária, que subverte a lógica do turismo massificado;
- Projetos de economia solidária e feiras locais, que tentam construir autonomia econômica fora da lógica dos grandes fluxos;
- Expressões artísticas e culturais, que reivindicam outras narrativas sobre a fronteira, muitas vezes silenciadas pelo discurso oficial.

3. Porto Seco de Foz do Iguaçu no território reticulado

3.1 Gênese e função

A cidade de Foz do Iguaçu, localizada na Tríplice Fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, tornou-se, nas últimas décadas, um nó logístico estratégico no território reticulado sul-americano. Este processo está diretamente relacionado à intensificação dos fluxos econômicos, logísticos, informacionais e cognitivos que atravessam essa região, especialmente a partir da consolidação de infraestruturas logísticas como o Porto Seco.

O Porto Seco de Foz do Iguaçu estatal, operado por concessão pela Multilog desde 2016, já é reconhecido como o maior terminal alfandegado de interior da América Latina em movimentação de cargas terrestres. Em 2024, bateu um novo recorde histórico, movimentando mais de US\$ 8,6 bilhões, o que representa um crescimento de 29,11% em relação ao ano anterior, e processando mais de 196 mil caminhões, segundo dados da Receita Federal. Deste total, 77,17% correspondem ao fluxo com o Paraguai e 22,82% com a Argentina, o que evidencia a centralidade da fronteira Brasil-Paraguai no comércio exterior da região.

Os quadros da sequência apresentam os pesos e valores totais das cargas de importação e exportação que ingressaram no Porto Seco de Foz do Iguaçu para o desembaraço em 2024.

Quadro 1

Corrente de Comércio Exterior no Porto Seco de Foz do Iguaçu - 2024			
Total por tipos	2023	2024	Diferença %
Peso Exportação (toneladas)	1.496.430.840,03	2.508.391.589,06	67,62
Peso Importação (toneladas)	953.241.058,82	3.114.150.802,72	226,69
Total de Toneladas	2.449.671.898,85	5.622.542.391,78	129,52
Valor Exportação (US\$)	3.964.306.630,79	4.238.282.314,74	6,91
Valor Importação (US\$)	2.702.402.067,64	4.368.800.555,42	61,66
Total da Corrente de Comércio Exterior (US\$)	6.666.708.698,43	8.607.082.870,16	29,11

Fonte: Receita Federal 2025.

O Porto Seco de Foz do Iguaçu foi concebido como uma solução logística para concentrar, ordenar e acelerar os fluxos de mercadorias entre o Brasil e os países vizinhos, especialmente Paraguai e Argentina. É uma plataforma intermodal, que integra transporte rodoviário, processos aduaneiros, armazenagem e sistemas digitais de controle.

Quadro 2

QUANTIDADE DE CAMINHÕES DA CORRENTE DE COMÉRCIO EXTERIOR - 2024			
País	Total de Caminhões	Nº Caminhões Importação Argentina/Paraguai	Nº Caminhões Exportação Argentina/Paraguai
Argentina	44.876	35.642	9.234
Paraguai	151.723	77.914	73.809
Total	196.599	113.556	83.043
Participação do Total		57,76%	42,24%

Fonte: Receita Federal 2025.

Esse desempenho reflete não apenas o crescimento das cadeias produtivas transfronteiriças, especialmente no agronegócio, como também a consolidação de Foz do Iguaçu como plataforma logística de alcance continental. As principais mercadorias exportadas incluem cimento, fertilizantes e maquinários agrícolas para o Paraguai, além de veículos, peças e madeira para a Argentina. No sentido inverso, destacam-se as importações

de grãos, carnes e produtos têxteis do Paraguai, bem como alimentos, celulose e produtos industriais da Argentina.

Quadro 3

Número de Caminhões Liberados - IMPORTAÇÃO no Porto Seco de Foz do Iguaçu			
País de origem	2023	2024	% em relação ao ano anterior
Argentina	29.906	35.642	19,18
Paraguai	59.461	77.914	31,03
Total	89.367	113.556	27,07

Número de Caminhões Liberados - EXPORTAÇÃO no Porto Seco de Foz do Iguaçu			
País de destino	2023	2024	% em relação ao ano anterior
Argentina	11.605	9.234	-20,43
Paraguai	75.118	73.809	-1,74
Total	86.723	83.043	-4,24
Total Geral de Caminhões	176.090	196.599	11,65

Fonte: Receita Federal 2025.

3.2 Maior porto seco da América Latina

Diante desse cenário de expansão dos fluxos econômicos e da crescente demanda logística, a Multilog anunciou em 2025 a construção do maior porto seco da América Latina, com investimento de R\$ 500 milhões. A nova estrutura, com 550 mil metros quadrados, será três vezes maior que o terminal atual e está localizada estrategicamente às margens da BR-277, fora do perímetro urbano, o que contribui para reduzir os impactos no trânsito da cidade. A previsão é que as operações tenham início até o final de 2026.

A expectativa da Multilog é que a movimentação de cargas triplique a partir de 2025, alavancada principalmente pelo escoamento da produção agrícola dos três países, além do fortalecimento dos fluxos industriais e comerciais. O impacto econômico não se limita à logística: a obra deve gerar mais de 3 mil empregos diretos e indiretos, além de induzir transformações urbanas em Foz do Iguaçu, como a abertura de novas avenidas, a duplicação da Avenida das Cataratas, a construção da Perimetral Leste e a nova ponte sobre o Rio Paraná, a Ponte da Integração Brasil-Paraguai.

Essa infraestrutura conecta-se diretamente aos corredores logísticos de exportação via Porto de Paranaguá e, futuramente, ao Corredor Bioceânico de Capricórnio, reforçando Foz do Iguaçu como elo fundamental entre o Atlântico e o Pacífico. Dessa maneira, a cidade se insere plenamente nas

lógicas do território reticulado global, operando como plataforma logística, aduaneira e cognitiva, capaz de articular escalas locais, nacionais e internacionais.

Para o governo do Paraná, esse movimento consolida o estado como potencial *hub* logístico da América do Sul, destacando a posição geográfica privilegiada do Paraná, agora fortalecida com investimentos superiores a R\$ 300 milhões em infraestrutura viária e logística.

Sua implantação responde tanto às exigências da modernização logística quanto às dinâmicas específicas da Tríplice Fronteira, marcada historicamente por fluxos formais e informais.

4. Infraestruturas materiais e digitais

O Porto Seco funciona como um nó articulador de infraestruturas físicas (pátios, armazéns, *scanners*, balanças) e infraestruturas digitais – sistemas de monitoramento, inteligência fiscal, *blockchain* aduaneiro e plataformas de gestão logística. Isso permite que a circulação de mercadorias seja acelerada, monitorada e regulada em tempo real, conforme as exigências dos mercados globais.

Ao mesmo tempo, esses dispositivos reforçam o controle sobre os fluxos e os sujeitos que circulam pela fronteira, configurando um espaço de governamentalidade, no sentido foucaultiano.

Infraestruturas materiais e digitais: o Porto Seco como nó articulador

O Porto Seco de Foz do Iguaçu funciona como um nó logístico estratégico, no qual se articulam infraestruturas físicas e infraestruturas digitais, indispensáveis para viabilizar, acelerar e controlar os fluxos transfronteiriços de mercadorias.

Do ponto de vista das infraestruturas físicas, o Porto Seco é composto por uma série de equipamentos e instalações que garantem o suporte material às operações logísticas e aduaneiras. Entre eles estão:

- Pátios de contêineres, onde as cargas aguardam inspeção ou liberação;
- Armazéns, que permitem o armazenamento temporário de mercadorias importadas e exportadas;
- *Scanners*, utilizados na inspeção não invasiva das cargas, aumentando a segurança e reduzindo o tempo de conferência física;
- Balanças rodoviárias, que garantem o controle do peso dos veículos e das cargas, atendendo às normas de transporte e segurança.

Por outro lado, as infraestruturas digitais são fundamentais para integrar, otimizar e monitorar os processos em tempo real. Destacam-se:

- Sistemas de monitoramento eletrônico, que acompanham o deslocamento das cargas desde sua origem até o destino, cruzando dados de entrada, saída e permanência no recinto alfandegado;
- Inteligência fiscal e algoritmos de análise de risco, que cruzam grandes volumes de dados (*big data*) para identificar possíveis fraudes, contrabando ou inconsistências fiscais;
- *Blockchain* aduaneiro, tecnologia que permite o registro imutável e transparente das etapas do processo logístico, facilitando a rastreabilidade, a segurança jurídica e a confiança nas operações internacionais;
- Plataformas de gestão logística integradas, que conectam empresas, transportadoras, despachantes, órgãos públicos (Receita Federal, Polícia Federal, Anvisa) e operadores logísticos, otimizando os fluxos de informação e de decisão.

Essa articulação entre o físico e o digital faz do Porto Seco não apenas um espaço de passagem de mercadorias, mas um ambiente de controle, regulação e governança dos fluxos, típico do que Foucault descreve como um dispositivo de governamentalidade. Nesse contexto, não se controla apenas o movimento dos objetos, mas também dos sujeitos — motoristas, agentes logísticos e operadores — que passam a estar sujeitos a vigilância constante, protocolos de segurança, rastreabilidade e cruzamento de dados em tempo real.

Portanto, o Porto Seco exemplifica como as fronteiras contemporâneas se tornam territórios reticulados, onde as infraestruturas materiais e digitais se sobrepõem para atender às exigências da circulação global, ao mesmo tempo em que reforçam dispositivos de controle e segurança.

5. Seletividade e desigualdades socioespaciais

A lógica que organiza o Porto Seco é seletiva: enquanto acelera e facilita os fluxos de mercadorias e capitais, limita, controla ou exclui outros fluxos, como os de pessoas, bens informais ou atividades econômicas que escapam à regulação formal.

Isso aprofunda as desigualdades socioespaciais na fronteira, pois parte da população local permanece marginalizada das dinâmicas hegemônicas, inserindo-se em circuitos inferiores da economia urbana, como comércio popular, trabalho precário e atividades informais.

O funcionamento do Porto Seco está baseado em uma lógica de **seletividade**, característica central dos territórios reticulados. Isso significa que ele prioriza e facilita determinados fluxos — especialmente os de **mercadorias formalizadas, capitais, dados e serviços logísticos** — enquanto impõe **barreiras, controles ou restrições** a outros tipos de circulação.

Por exemplo, enquanto uma carga de alto valor, com toda a documentação fiscal e aduaneira regularizada, atravessa a fronteira de forma rápida, monitorada e integrada aos sistemas globais, **pessoas, pequenos comerciantes, mercadorias informais ou atividades econômicas não homologadas** enfrentam obstáculos constantes, como:

- **Fiscalizações rigorosas;**
- **Restrição de acesso aos espaços formais de circulação;**
- **Vigilância permanente;**
- **Criminalização de determinadas práticas econômicas populares.**

Essa seletividade resulta em **desigualdades socioespaciais**, pois nem todos os sujeitos e atividades se inserem nas dinâmicas dominantes da economia globalizada. Na região de fronteira, grande parte da população

local é empurrada para os **circuitos inferiores da economia urbana**, atuando em:

- **Comércio informal de rua;**
- **Transporte clandestino de mercadorias** (popularmente chamado de *motoqueiros* ou *sacoleiros*);
- **Trabalho precarizado em serviços de baixa renda**, como carregadores, atravessadores e vendedores ambulantes;
- **Atividades de subsistência**, muitas vezes à margem da formalização econômica e dos benefícios sociais.

Portanto, enquanto o Porto Seco e suas infraestruturas sofisticadas representam a **porta de entrada para os fluxos hegemônicos do comércio internacional**, uma parte expressiva da população permanece **excluída desses processos**, reforçando uma geografia marcada por **assimetrias, marginalização e concentração de oportunidades nos nós mais conectados da rede**.

Essa lógica evidencia como as fronteiras contemporâneas, ao mesmo tempo que se abrem para certos fluxos globais, também se tornam **espaços de contenção, filtragem e exclusão**, aprofundando as **desigualdades socioespaciais** tanto localmente quanto no sistema-mundo.

Conclusões

O Porto Seco de Foz do Iguaçu é mais do que uma infraestrutura logística: é um espelho das contradições da globalização contemporânea, da plataforma da economia e da virtualização do trabalho.

O Porto Seco de Foz do Iguaçu é expressão concreta do território reticulado na fronteira Brasil-Paraguai-Argentina. Sua função vai além da logística, articulando controle, regulação e gestão dos fluxos de acordo com os interesses do capital global.

Esse equipamento revela as contradições do meio técnico-científico-informacional: ao mesmo tempo em que conecta o território local às cadeias globais, reforça desigualdades, opera seletivamente e produz espaços de inclusão subordinada e exclusão estrutural.

Portanto, compreender o Porto Seco como nó do território reticulado é fundamental para refletir sobre os desafios da soberania, da coesão territorial e da justiça socioespacial nas fronteiras contemporâneas.

Referências

- AMIM, Samir. **O desenvolvimento desigual**: ensaio sobre as formações sociais do capitalismo periférico. Rio de Janeiro: Forense, 1973.
- CROCETTI, Zeno Soares. **A crise do capital e o uso do território**. Curitiba: Letra das Artes, 2019.
- CROCETTI, Zeno Soares. Desglobalização e crise econômica (o Covid-19 e o futuro da América Latina). **Ciência Geográfica**, Bauru, v. 25, n. 3, p. 1-15, jan.-dez. 2021.
- CROCETTI, Zeno Soares. O jogo da direita e a nova geografia do capitalismo. **Ciência Geográfica**, Bauru, v. 27, n. 4, p. 1-15, jan.-dez. 2023.
- CROCETTI, Zeno Soares. Foz do Iguaçu como território reticulado: redes, fronteiras e disputas cognitivas na era da plataforma. **Geosul**, Florianópolis, v. 40, n. 93, p. 64-82, maio/ago. 2025a.
- CROCETTI, Zeno Soares. Imperialismo 2.0 e a reestruturação global. *Revista Ciência Geográfica*, v. 29, n. 4, p. 1442-1460, 2025b.
- FIORI, José Luís. **Uma teoria do poder global**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- HAESBAERT, Rogério. Geopolítica e redes de poder: bases militares e megaprojetos na América Latina. In: **Território, redes e poder**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009. p. 45-68.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HAN, Byung-Chul. **No enxame**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024
- HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.
- HARVEY, David. **O novo imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2004.
- JOHNSON, Chalmers. **As aflições do Império**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- LAKOFF, George. **Não pense em um elefante!** - Linguagem e debate político. Rio de Janeiro: Contexto, 2009.
- MIGNOLO, Walter D. **Desobediência epistêmica**. São Paulo: Cortez, 2017;
- PERKINS, John. **Confissões de um assassino econômico**. São Paulo: Cultrix, 2005.
- PETRAS, James; VELTMAYER, Henry. **Império com um rosto humano: o imperialismo no século XXI**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- RANGEL, Ignacio. **A dualidade brasileira**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 1996.
- SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

SILVEIRA, Maria Laura. “A questão do território hoje.” In: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C.; CORRÊA, Roberto L. (org.). **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

SRNICEK, Nick. **Capitalismo de plataforma**. São Paulo: Autonomia Literária, 2017.

WESTEN, Drew. **O cérebro político**. São Paulo: UniAnchieta, 2008.

ZUBOFF, Shoshana. **A Era do Capitalismo de Vigilância**. São Paulo: Intrínseca, 2021.

Declaração de Conflito de Interesses

O autor declara que não há conflito de interesses relacionado à elaboração, desenvolvimento e publicação deste artigo.

O trabalho foi realizado de forma independente, sem influência indevida de organizações comerciais, políticas, religiosas ou institucionais que possam comprometer sua integridade científica, seu conteúdo ou suas conclusões. Além disso, não houve financiamento externo direto para a presente pesquisa, e nenhum tipo de relação financeira, pessoal ou profissional que possa ser interpretada como capaz de influenciar indevidamente os resultados ou a interpretação dos dados foi estabelecida durante a sua execução. Esta declaração segue as diretrizes do Committee on Publication Ethics (COPE) e tem por objetivo fortalecer a transparência, a responsabilidade acadêmica e o compromisso ético com a ciência aberta, a educação crítica e a integridade nas publicações.

Autor: Zeno Soares Crocetti Universidade Federal da Integração Latino-Americana ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0608-5079> Foz do Iguaçu, 21 de março de 2026.

Dados de pesquisa

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está contido no próprio artigo.

Trata de uma pesquisas bibliográficas: o artigo/ensaio, se baseia unicamente em livros, artigos e outras publicações existentes, sem a coleta de dados de pessoas. Tem um levantamento de dados públicos: utilizei informações de domínio público, que podem ser consultadas, utilizadas e reproduzidas livremente sem restrições de direitos autorais ou de propriedade intelectual. É um estudo que não envolve seres humanos, se baseiam em modelos teóricos ou dados de laboratório que não incluem materiais biológicos humanos.

Dados Gerais: O PORTO SECO DE FOZ DO IGUAÇU E A RETICULARIZAÇÃO DA FRONTEIRA

Zeno Soares Crocetti - Universidade Federal da Integração Latino-Americana
Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território

E-mail: geocrocetti@gmail.com <https://orcid.org/0000-0003-0608-5079>

Autor: Zeno Soares Crocetti Universidade Federal da Integração Latino-Americana

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0608-5079>

Foz do Iguaçu, 21 de março de 2026.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.